

MEU PROCESSO DE “DOUTORAMENTO/’DOITORAMENTO’” E A BUSCA PELA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Fabricia Santina de Oliveira Carissimi ¹

Resumo

Este ensaio teórico é produto de pesquisa bibliográfica e da reflexão crítica sobre a busca pela construção do conhecimento, e se baseia em uma vivência do processo de “doutoramento/’doitoramento’” em um Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Delimitando como marco teórico o materialismo histórico-crítico e dialético, são discutidas as fronteiras teórico-metodológicas do conhecimento na contemporaneidade, seus paradigmas, limites e potencialidades, que constituem o objetivo desta discussão. Estabelecem, portanto, pressupostos para a construção/formação de uma consciência social, política e histórica da e para a diversidade que problematiza a produção de conhecimento numa lógica não hegemônica, somada aos/às autores/as que caminham para afirmar o seu devido lugar, de potência e de significado humano e social, rumo à transformação societal emancipadora.

Palavras-chave: Conhecimento; Construção; Epistemologias.

MY “DOCTORATE/’DOITORAMENTO’” PROCESS AND THE SEARCH FOR THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

Abstract

This theoretical essay is the product of bibliographical research and critical reflection about the pursuit of knowledge construction, and is based on an experience of the “doctorate/’doctorate’” process in a Graduate Program in Psychology. Delimiting the historical-critical and dialectic material as a theoretical framework, the theoretical-methodological frontiers of knowledge in contemporary times are discussed, its paradigms, limits and potentialities, which constitute the objective of this discussion. Therefore, assumptions are established for the construction/formation of a social, political and historical conscience of and for the diversity that problematizes the production of knowledge in a non-hegemonic logic, added to the authors who assert their due place, of potency and human and social meaning, towards emancipatory societal transformation.

Keywords: Knowledge; Construction; Epistemologys.

¹ Doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Assistente Social do Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Humap-UFMS/Ebserh).



1. Introdução

Introduzo minhas reflexões com a lembrança de uma conversa informal com uma amiga que indagou: “como vai, ‘doitoranda’?”. Em seguida, me vi conversando com outro amigo e fiz um questionamento parecido: “como vai, ‘mestrandoido’?”

Ainda compondo as iniciais, peço desculpas à/ao leitora/leitor² e, especialmente, às/aos especialistas da área, mas não poderia falar de construção do conhecimento na contemporaneidade, sem realizar um certo neologismo ou agrupamento dos termos, especificamente “doido” e “doutorado”, do qual faço parte. Esse agrupamento designa o “shippar” que se trata de uma denominação utilizada nas redes sociais, originária da língua inglesa, “relationship”, ou seja, de relacionamento, quando alguém manifesta uma torcida por um casal ou aprova uma relação afetiva e amorosa entre duas pessoas. Hoje, “shippar” vai além da etimologia da palavra, que eu estendo e relaciono com o conhecimento a que me proponho.

Com a concepção da necessidade de construtos de saberes acadêmico-científicos, não direi que é vulgar, e, por isso, que, também peço licença para escrever de forma mais dinâmica, na primeira pessoa do singular, para atingir os objetivos deste ensaio, já que trato de um processo particular (diferente de um autobiografismo), embora abrangente, ao coletivo e ao meio acadêmico, que normalmente exige uma linguagem mais formal, mais rigorosa, “não subjetiva” e científica. Retrata, na verdade, um sentido prático do conhecimento, de democratização do saber e da universidade, já que a limitação do alcance do conhecimento científico não deveria representar, em hipótese alguma, o seu sentido de existir.

Assim, me expresso a partir e na condição de uma Doutoranda em um Programa de Pós-Graduação em Psicologia que, ao ingressar nessa seara, acredita ter um projeto de pesquisa definido, tendo o trabalho feminino como objeto central, mas que, no decorrer do processo, percebe que ele está sendo desconstruído e construído, ao mesmo tempo. Desta maneira, ao delimitar o materialismo histórico-crítico e dialético como marco teórico, são discutidas as fronteiras teórico-metodológicas do conhecimento na contemporaneidade, seus paradigmas, limites e potencialidades, que constituem o objetivo desta discussão.

Mas voltemos ao início. Ao consultar o Dicionário online de português³, verifiquei um dos significados de “doido” como substantivo masculino: “Indivíduo que não segue a razão, que age de maneira insana ou insensata; louco, maluco.” Logo, percebo que é exatamente disso que falo no âmbito do conhecimento, porque não seguir a razão e agir de maneira “insana ou insensata”, é o que me orienta no processo de “doutoramento/doitoramento”,

² No texto aparecerão duas formas distintas de linguagem. A que contempla todas as formas de identidade de gênero de gênero, caracterizada pelos artigos feminino e masculino, entre barra (a/o) e a linguagem masculina universalizada, quando me refiro ao pensamento de alguma/algum autora/autor que mantém esse padrão de escrita.

³ <https://www.dicio.com.br/doido/>



vivenciando exatamente uma tempestade de ideias, de questionamentos que caracterizam a fase de reconstrução do projeto de pesquisa.

Essa fase, de reconstrução, poderia estar simbolizada por diversas perguntas: O que eu quero exatamente como pesquisadora e com a minha pesquisa? Que escolhas e decisões preciso tomar? Quais os passos? Quais os significados, principalmente o valor social, e o compromisso ético-político e científico da pesquisa que irei desenvolver?

Não se trata, porém, de desprover-se da razão sem a ortodoxia, ou seja, uma rigorosa coerência dos pressupostos, de consistência dos fundamentos teóricos-metodológicos, conforme discutido por Lessa (2014), até por isso, a fase de reconstrução. Certo é que busco a defesa metodológica contra procedimentos ideológicos e teóricos dogmáticos e/ou ecléticos que o autor afirma veementemente para a existência de um "revolucionário". Contudo, essa busca, no sentido da existência do que eu caracterizo como pesquisadora-autora, e Lessa (2014) define como um revolucionário, não precisa estar fora da realidade, mas deve representar essa "loucura" a partir de uma "razão", do seu alcance e significado que carece de tanta sede, pela aplicabilidade do conhecimento e que pode parecer uma "insanidade". Aliás, é o que também me orienta.

Hoje meu objeto de pesquisa permanece dentro da discussão sobre mulheres, e tem o trabalho como premissa da perspectiva teórica-metodológica que me orienta (o materialismo histórico-crítico e dialético), já que, instituído na forma assalariada junto com o modo de produção capitalista, constituem os fundamentos da sociedade burguesa, a partir dos quais compreendo a realidade social como ela é, ou seja, como resultado exclusivo e integral da ação/interação humana, no diálogo com outras epistemologias. Nesse sentido, trago, nesta reflexão, a discussão sobre a construção do conhecimento, o diálogo de diferentes epistemologias, seus tensionamentos, os limites e as possibilidades.

2. Minha/nossas epistemologias

Tonet (2013), em seu livro "*Método científico: uma abordagem ontológica*", traz uma sistematização do método de Marx. A partir desse método, ele busca os fundamentos ontológicos da problemática do conhecimento, que o conduziu a uma pesquisa histórica de como o método científico moderno sofreu mudanças que condizem com a nova forma que fundamenta a modernidade. Abandonar o ponto de vista ontológico da problemática do conhecimento e fazer ciência, numa perspectiva gnosiológica, impede que se perceba os interesses sociais que permeiam a construção da cientificidade.

O autor objetiva questionar a abordagem do método científico, que induz a um falseamento da problemática do conhecimento, com consequências para a compreensão e para o enfrentamento da realidade social. Ele pretende mostrar, em sua obra, que a compreensão da problemática do conhecimento implica que seja tratado, em sua articulação, com o conjunto dos processos histórico e

social, permitindo compreender sua vinculação com os determinados interesses sociais. (TONET, 2013).

Essa reflexão sistematizada, afirma Tonet (2013), iniciou-se com a filosofia grega e, posteriormente, ao longo do processo histórico, surgiram diversas abordagens e rupturas que aconteceram entre elas. Para ele, essa forma de tratar a problemática do conhecimento permite sustentar também que Marx, a partir das demandas da classe trabalhadora, lançou os fundamentos de um paradigma científico-filosófico radicalmente novo e é o que melhor permite compreender a realidade social. Para mim, é o significado social do conhecimento.

É fato que Tonet (2013) lembra que cada paradigma deve ser compreendido em sua configuração histórica e social; compreender sua origem, sua natureza, sua função exercida e que exerce na reprodução do ser social. Nenhum deles é a forma definitiva de produzir ciência, ao contrário, todos eles são uma forma histórica e socialmente determinada de construir o conhecimento. Segue, ainda, tratando das abordagens relativas ao conhecimento e dos pontos de vista gnosiológico e ontológico, sem esquecer, porém, que ambos acabam sendo construções arbitrárias, não puramente subjetivas, mas, também produtos históricos-sociais. O primeiro tem como foco ou eixo no sujeito, o caráter ativo do sujeito, que constrói o objeto. O segundo, o foco ou eixo está no objeto, que pode ter um caráter metafísico ou histórico-social, contudo, em ambas o sujeito está subordinado ao objeto. Com Marx inaugura-se um novo paradigma.

O padrão marxiano de conhecimento apresenta uma forma radicalmente nova e distinta de produzir conhecimento: classe burguesa e proletária abrem uma perspectiva para a totalidade da humanidade, tem um projeto histórico. O projeto burguês não ultrapassa a sociedade de classes, não pode superar a exploração do homem pelo homem, e é um projeto de caráter essencialmente particular. Já o projeto do proletariado implica na superação de toda forma de exploração do homem pelo homem, e há possibilidade de realização humana de todos, um projeto de caráter essencialmente universal. (TONET, 2013)

O autor retrata, a partir de Marx, uma nova sociabilidade, que requer uma nova forma de produzir conhecimento, um padrão cognitivo novo que diz respeito ao conhecimento da realidade social e da sua aplicabilidade. Uma transformação radical da sociedade, com a superação da exploração do homem pelo homem, que se relaciona com a comprovação da radical historicidade e sociabilidade do ser social. (TONET, 2013)

Para Tonet (2013), portanto, o padrão marxiano está sentado numa ontologia do ser social, que é uma construção teórica e uma tradição ideativa demandada pela classe trabalhadora de uma realidade existente. Marx parte da gênese do ser social, do ato que funda a sociabilidade e, nessa análise do ato, ele descobre a origem, a natureza e a função social do conhecimento científico, ou seja, precisamos partir dos pressupostos ontológicos para uma linha filosófica, que é necessária para a construção do conhecimento; não existe método sem ontologia.



No método marxiano, na relação entre sujeito e objeto, o polo regente é o objeto, mas também não se diminui a importância da subjetividade. O princípio de Marx, que une subjetividade e objetividade, é a práxis, isto é, a atividade humana sensível, a atividade real. Constitui uma unidade indissolúvel: espírito e matéria, consciência e realidade objetiva, subjetividade e objetividade, e na práxis é a atividade mediadora que dá essa conjunção, uma objetivação da subjetividade. Marx realiza a síntese superadora entre racionalismo e empirismo, entre a razão e os dados da sensibilidade. (TONET, 2013).

Essa, portanto, é a clareza no meu processo de construção do conhecimento, de um objeto histórico e socialmente construído que parte de sua matriz fundante, que é a categoria trabalho. Complementarmente, nas palavras de Tonet (2013) para a construção da problemática do conhecimento, alerto-me para considerar a ontologia do ser social e não atribuir prioridade ontológica ao conhecer; assim como Marx, quando do exame do trabalho como categoria fundante do ser social e o modelo de todas as atividades humanas, permitir compreender a origem (ontológica), a natureza e a função social do conhecimento.

Quanto mais verdadeiro for conhecer o objeto, maior a probabilidade de atingir um fim pretendido, a finalidade essencial do conhecimento científico: reproduzir a realidade. Prioridade ontológica da objetividade (do objeto) sobre a subjetividade (do sujeito), no processo de conhecimento. Há uma conexão íntima entre conhecimento e prática social para a transformação social. (TONET, p. 2013)

O significado da pesquisa, para mim e no meu processo de reconstrução do projeto de pesquisa, incide, ainda, em uma passagem do livro de Marcelo Gleiser: *"A simples beleza do inesperado: um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida."*

[...] A fama nunca deve ser a motivação da pesquisa. Um rebelde segue sua intuição com humildade, sem saber se terá ou não sucesso. Um pescador nunca sabe se vai ou não pegar um peixe. Mesmo assim você trabalha a sua ideia dando tudo o que tem, tentando novas possibilidades e desdobramentos ou, no caso do pescador, retornando ao rio, com esperança renovada a cada vez. [...]. (GLEISER, 2016, p. 46).

Ao mesmo tempo, com essa necessidade do valor social da pesquisa, atento-me para não cair no praticismo. Lessa (2014) chama a atenção ao praticismo contemporâneo que pressupõe a disjunção de teoria e de prática, até para evitar o que ocorreu, historicamente, de transformação dos militantes em burocratas e reformistas.

Lessa afirma, ainda, que, "Quanto menos se conhece do mundo e de interação com a realidade quanto mais ignorantes e brutalizados, menor o sofrimento." (2014. p. 17). Ou, ainda, nos termos de Gleiser "[...] O conhecimento começa na ignorância, novo conhecimento que gera mais

ignorância. Essa é a verdadeira natureza do conhecimento, uma busca sem fim". (2016, p. 150).

Percebo, assim como os autores, que se impõe uma necessidade de produção do conhecimento, de conhecimento do mundo e de interação com a realidade como capacidade de transformá-lo, incessantemente ou sem fim como diria Gleiser (2016), daí o sentido prático que mencionei anteriormente, e de assumir mais protagonismo individual e coletivo na sociedade.

Devido a isso, ainda que eu esteja em fase de reconstrução do projeto de pesquisa, pelo menos posso afirmar a utilização da categoria trabalho na contemporaneidade, como categoria fundante e no movimento da história, me remete ao alcance do conhecimento a ser produzido com minha pesquisa, também a partir de uma realidade que nós, mulheres e homens, vivenciamos, pensando na nova forma de produzir sociabilidade, conhecimento e transformação social para uma sociedade mais justa e equitativa. Lessa retoma Marx e afirma:

Para Marx, não há atividade humana que não seja uma síntese de pensamento e transformação do real. Toda e qualquer ação humana é, na concepção marxiana, uma transformação do real orientada por uma prévia-ideação. Em poucas palavras, a especificidade ontológica do ser social está na sua capacidade de teleologicamente transformar o real. (LESSA, 2014. p. 93).

Lessa, em seu livro "*O revolucionário e o estudo: Por que não estudamos?*" (2014), ao qual recorro para estas reflexões, embora esteja tratando dos pressupostos para o revolucionário, menciona também a relação da teoria e da prática. O que determina não são as intenções dos indivíduos, mas suas objetivações, ou seja, o momento em que uma decisão é levada à prática e sempre envolve alguma transformação do mundo. Para ele, tomando como referência Marx e Lucáks, o indivíduo se transforma nos processos de objetivação e de exteriorização. A objetivação é a transformação de um setor do mundo por um ato orientado, por uma prévia-ideação; a externalização é a necessária transformação dos indivíduos articulado a toda objetivação.

O autor fala, fundamentalmente, sobre alguns revolucionários e dos processos de formação de não resultarem uma geração de revolucionários capaz de estudar e de compreender o mundo, porque não possibilitaram aos militantes a incorporação do estudo na vida cotidiana. O fracasso dos esforços de informação se concentra em não terem alterado significativamente a vida cotidiana.

Em parte, esse é o retrato da nossa (e da minha) vida cotidiana na sociedade burguesa e o que me faz pensar: "Haverá condições para essa '*insanidade*' a que me proponho?". Passados os dois momentos históricos favoráveis, de desenvolvimento dos indivíduos, descrito por Lessa (2014): o Renascimento (rompimento com o teocentrismo) e a passagem do século XVIII para o XIX (Revolução Industrial e Revolução Francesa), vivenciamos uma crise estrutural do capital desde meados da década de 1970, de, inclusive e, por

vezes, produção de conhecimento fluido e raso, o que certamente não é a minha proposta.

A construção do conhecimento me faz pensar, então, no campo teórico-epistemológico e no campo social no âmbito da investigação científica, com questionamento centrado no tipo de produção que desenvolvo e no alcance concreto dos meus resultados. São reflexões que envolvem também a epistemologia na ciência moderna e nos seus métodos que, hegemonicamente, foi estabelecida até aqui, e as possibilidades que tenho para construir uma outra lógica, que incorpore reflexões ética, estética e política. Qual seria ela? Não se trata de, tão somente, falar de “outras perspectivas” para a ciência, sim, a maneira pela qual posso incorporar “perspectivas outras” aos meus estudos, sem deixar de ser fiel aos meus pressupostos teórico-metodológicos.

Exemplo notável do que menciono é ter a psicologia social nas bases do materialismo histórico-crítico e dialético, mas agregar estudos de gênero ou feminismos marxistas. Convém destacar que não estou perdendo o referencial teórico-metodológico, porém, falando, por exemplo, de mulheres, de seus corpos subalternizados, de relações de poder e dominação, e de outras questões que me permitem pensar certas alianças e as diferentes epistemologias.

Conforme descrito por Cisne (2018), o feminismo marxista me permite o entendimento crítico e o enfrentamento das desigualdades sociais determinadas pela imbricação e pela contradição das relações sociais de sexo, raça e classe, que configuram as múltiplas expressões da questão social, com o intuito de uma ação política de luta pela emancipação humana, o que, para mim, coaduna com o significado real da teoria e da prática.

Para a autora em debate (CISNE, 2018), o patrimônio categorial da tradição marxista, construído na perspectiva metodológica do materialismo histórico-dialético é capaz de desvelar e elucidar o entendimento da condição da mulher no capitalismo, bem como fornecer subsídios para sua participação política na construção de um projeto societário emancipador.

3. Perspectivas outras

De maneira hegemônica, a ciência moderna, ocidental e cartesiana, bem como o campo teórico-epistemológico, a pesquisa acadêmico-científica e os processos de ensino-aprendizagem (incluindo a docência), são campos rígidos, absolutos, eurocêntricos, baseados em supostas neutralidades objetivas, até mesmo entre as ciências humanas e sociais aplicadas, que não são consideradas “ciências duras” como as exatas. Contudo, quando começo a refletir em “epistemologias outras”, tenho possibilidades de denunciar as subalternidades, as relações de poder, as dominações, contestar e lutar contra as injustiças, até mesmo no campo teórico-metodológico, que são, igualmente, fundamentos da teoria marxista, mas claro sem deixar sua dimensão ontológica.

Sem perder a dimensão teórica-metodológica a que me afino, capto a essência dos estudos descoloniais, no sentido retratado por Machado (2014), quando essa estudiosa discute a filosofia africana, de ressignificar a filosofia a

serviço da ética e pelo bem do indivíduo, a partir de três conceitos: Ancestralidade: filosofia com cultura, oralidade, ancestralidade, grande articuladora baseada na ética; Alteridade: valorizar o que somos, re-conhecer, desejar o outro; Encantamento: aquilo que dá sentido de mudança política, de outras construções epistemológicas, é o sustentáculo, é o que desperta e impulsiona o agir, nos qualifica no mundo, nos faz produzir conhecimento com e desde os sentidos. Trata-se, portanto, de produzir um conhecimento que é “situado”, que é objetivo com as subjetividades envolvidas, de considerar o lugar e com o lugar.

É importante comentar que isso segue em direção contrária de uma filosofia que foi utilizada por séculos como meio de colonização para justificar barbáries, usando o seu poder político e epistemológico para inferiorizar o outro, de justificar e de enaltecer a colonização, o imperialismo, o eurocentrismo. A filosofia africana contemporânea tem a cultura como eixo signifiante na sua constituição, é fruto da experiência, feita por filósofos africanos e por aqueles que direcionam sua atenção aos problemas africanos. Preocupa-se com o indivíduo, o outro, partindo da natureza e considerando todo o seu contexto, sua cultura em si. Filosofia africana ancorada nas questões sociais, políticas, econômicas, históricas e cultural. Considera sua diversidade, sai da totalidade para pensar a alteridade; prioriza a identidade, concebendo, todavia, a diversidade existente na unidade; é atitude, não metafísica; considera uma ética de inclusão, ciência da sensibilidade, da estética; pensa as epistemologias para a vida e mundos melhores; perspectiva de mudanças para práxis. Filosofia como produção, além de resignificação de conceitos, mudanças de paradigmas, considerando o contexto, tempo histórico, local no universal, o lugar (a partir de). Filosofia do acontecimento, do movimento, do encantamento, enquanto atitude frente a vida. Filosofia da práxis, da circularidade, de inclusão e de alteridade. (MACHADO, 2014).

Na mesma vertente, mas novamente deixo explícito entender que são correntes de pensamento divergentes (não quero incorrer no erro do ecletismo, por assim dizer), é que incorporo os Estudos Culturais, permitindo-me afirmar que posso ser fiel à minha essência, sem perder a dimensão mencionada por Stuart Hall de que o que importa são as rupturas significativas — em que velhas correntes de pensamento são rompidas (Eu acrescento resignificadas com o sentido ontológico), velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas (HALL, 2003, p. 131)⁴. O que, nas palavras de Backes (2019), indica que não existe uma ruptura epistemológica absoluta, não se trata de um jogo entre díades (certas e falsas), mas da articulação de novos e velhos elementos. Historicamente, o que fundou a nossa epistemologia, dentro das Ciências Humanas, foi a possibilidade de um ou outro; e não existia a possibilidade de

⁴ Ressalto o lugar epistemológico da cultura na questão do conhecimento e conceituação, em como ela é usada para transformar compreensão, explicação e modelo teórico de mundo. Falo do sentido epistemológico da centralidade da cultura que está nas mudanças paradigmáticas que provocou nas disciplinas tradicionais, no peso explicativo do conceito e no seu papel constitutivo na análise social. Expansão da cultura de instituições e práticas sociais, em que toda prática social tem condições culturais ou discursivas de existência. (HALL, 1997).

diversas vertentes, como nos Estudos descoloniais, Estudos Culturais. Novos paradigmas vão surgindo.

Outra questão propalada para a discussão a que me proponho e correlaciono à construção do conhecimento está no âmbito da linguagem ou no poder da linguagem nos nossos textos e nos processos de ensino-aprendizagem que estamos envolvidos, seja ele mais formal, como a docência, seja ele mais informal, como nos círculos de amizade, de trabalho e de outros. A forma como se escreve anuncia e denuncia como pensamos, pode ser uma forma política, pode afirmar o ser ou domesticá-lo e subalternizar outras modalidades epistemológicas e ontológicas. Essa forma que utilizamos para escrever e ensinar pode ser violenta ou trazer uma conotação de pertencimento. O rigor metodológico designa o caminho, as opções, as escolhas epistemológicas, o colocar-se na pesquisa em razão de certos marcadores. Importante não domesticar uma determinada língua. (ANZALDUÁ, 2009). Uma das formas de descolonizar o pensamento é a linguagem de gênero que me proponho, e que novamente reafirmo: mantendo-me fiel à minha vertente epistemológica.

Bereano (2019) e Lorde (2019) nos mostraram a possibilidade de escrita de maneira “encantadora”, de que pode haver poesia e teoria. Lorde implode o projeto inteiro da filosofia iluminista ao mesmo tempo que usa suas ferramentas. Por conseguinte, quando Bereano (2019. P; 12) diz que a obra de Lorde “[..] expande, aprofunda e enriquece todas as nossas compreensões do que o feminismo pode ser.” me faz pensar na condição de mulheres, a partir da categoria trabalho, na interface com classe, gênero, raça e outros, que caminha para o meu aprofundamento da pesquisa, porque, ao mesmo tempo em que elas vivenciam uma situação diferenciada, mais precarizada e vulnerabilizada, possuem a força e os mecanismos de resistências do feminino. Para além, isso pode ser evidenciado e publicizado por meio de minha pesquisa de diversas maneiras, inclusive, teórica e poeticamente. Poesia não é só forma de expressar sentimentos, mas refletir, investigar, questionar, no fazer encontrar caminhos, portanto, poesia é teoria e produz conceitos.

Mas o que dizer do “conflito” entre poesia e teoria, entre suas esferas aparentemente separadas e incompatíveis? Disseram-nos que a poesia expressa o que sentimos, e a teoria afirma o que sabemos; que o poeta cria a partir do calor do momento, enquanto o teórico é, inevitavelmente, frio e racional; que a poesia é arte e, por isso, experimentada “de forma subjetiva”, enquanto a teoria é erudição, considerada confiável no mundo “objetivo” das ideias. Disseram-nos que a poesia tem alma e a teoria tem mente, e que precisamos escolher entre elas. (BEREANO, 2019, p. 12)

A discussão de Bereano (2019) sobre pesquisa e linguagem expressa no suposto “conflito” entre poesia e teoria, que ela reforça ser uma herança da estrutura do patriarcado branco ocidental, dicotomizando entre o que sentimos e o que pensamos (poesia e teoria), está em consonância com o que mencionei anteriormente de não perder de vista meus referenciais, ao mesmo tempo que posso acoplar “perspectivas outras”, tal como o feminismo marxista negro.

Bereano (2019, p. 12-13) “me conforta”, ao recorrer à esperança em “Irmã outsider”, que existem outras configurações e outras formas de experimentar o mundo, mesmo que seja difícil nomeá-las. Há possibilidade de senti-las e articulá-las. Pode ser concebida como o conceito de escrevivência, como metodologia de escrita, definido por Conceição Evaristo (SOARES; MACHADO, 2017). A importância da subjetividade, dos sentimentos, dos afetos, que, de maneira expressiva, não é valorizado numa cultura acadêmica eurocêntrica e heteronormativa, baseada apenas na razão.

Igualmente, são as chamadas fricções e interseccionalidades, como procedimentos metodológicos, ou seja, o entrelaçar vida e ciência, discutidos por Oliveira, Bleinroth e Silva (2021), em “Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em psicologia social”, e Oliveira (2020), em “A docência como performance feminista.”

Bereano (2019) menciona que a escrita de Audre Lorde nos envolve intelectual e emocionalmente, a partir das suas particularidades e vivências cotidianas, abrange e aborda todas as partes em si, e nos ensina sobre o significado de diferenças a partir de marcadores sociais como gênero, raça, cor, idade (eu acrescento classe social). Percebo que a autora revela que a escrita de Lorde nos traz um sentido de pertencimento que, ainda que não tenhamos vivenciado as mesmas experiências e condições que ela, amplia nosso olhar.

Para a autora, o processo interno de Lorde, reflete a possibilidade de pensar e sentir – isso está na forma que escolhemos nos objetos, me faz estar mais segura de discutir situações de mulheres no mundo, já que também me reconheço aqui. É o dito lugar de fala, cujo sentimento e pensamento, precisa aparecer na minha escrita, aparecer na arte de fazer ciência.

Isso também me conduz à discussão anterior, sobre o valor social das nossas pesquisas e produções, ou, o que Bereano (2019) afirma de maneira urgente, a partir de Lorde, de tornar o conhecimento disponível para o uso. “O compromisso de Lorde em confrontar o pior para que ela esteja livre para experimentar o melhor é inabalável. [...] coisas que podemos carregar na nossa luta por sobrevivência, não importa qual seja o nosso pior’.” (p. 16).

Essas passagens retratam muito o que já venho pesquisando sobre a condição da mulher na sociedade contemporânea, de lutas e de resistências, ou o que no texto aparece como um Capítulo “transformar o silêncio em linguagem e ação”. Lorde (2019, p. 51-52) fala de uma experiência pessoal, com a descoberta de um tumor no seio, que a deixou abalada, mas muito mais forte. Passou a acreditar, com convicção, que o mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que correndo o risco de ser magoada ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências, correndo todos os riscos descritos por Lorde, pois a transformação do silêncio em linguagem e em ação, designa um empoderamento pela linguagem, de si e de outras mulheres.

[...] Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não vai proteger você. Mas a cada palavra verdadeira dita, a cada tentativa

que fiz de falar as verdades das quais ainda estou em busca, tive contato com outras mulheres enquanto analisávamos as palavras adequadas a um mundo no qual todas nós acreditávamos, superando nossas diferenças. [...]. (LORDE, 2019, p. 52)

A autora continua, “[...] então pergunto: vocês têm feito o trabalho de vocês?” (2019, p. 53). Esse questionamento me faz pensar não só no meu objeto de estudo, mas na minha pesquisa e postura. Vejo que, ao mesmo tempo que me proponho a falar sobre mulheres, faço tão pouco na perspectiva feminista, ou seja, ouço muito mais o meu silêncio. Por outro lado, ela me encoraja a uma escrita científica mais politizada e com alcance social, ainda que eu reconheça os medos mencionados pela autora – do desprezo, da censura ou de algum julgamento, do reconhecimento, do desafio, da aniquilação – e o medo da própria visibilidade sem a qual não podemos viver verdadeiramente.

Lorde (2019, p. 54) ressalta que, ao passo que a visibilidade nos torna mais vulneráveis, também é a fonte de nossa maior força, pois, de alguma maneira, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificá-la, que foi criada para operar as mulheres. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, as mulheres podem se estabelecer ou analisar seu papel nessa transformação e reconhecer sua representação nesse processo.

Menciona, também, um certo compromisso para quem escreve, que é necessário esmiuçar a verdade do que se diz e a verdade da própria linguagem que se usa. Para as demais, compartilhar e espalhar também as palavras que são significativas. O mais importante para as mulheres é a necessidade de ensinar a partir da vivência, de falar as verdades em que se acredita e conhece nas quais acreditamos, para além do que se compreende. Para Lorde, somente dessa maneira se pode sobreviver, participando de um processo de vida criativo e contínuo, que é o crescimento. “[...] Que não nos escondamos por detrás das farsas de separação que nos foram impostas e que frequentemente aceitamos como se fossem invenção nossa. [...].” (LORDE, 2019, p. 55).

A autora conclui, da maneira que agora estendo ao meu processo de reconstrução do projeto de pesquisa e do fazer-saber, que “[...] há muitos silêncios a serem quebrados.” Na mesma linha de pensamento, volto ao sentido do revolucionário descrito por Lessa (2014) de que “não há meio termo, é tudo ou nada”. Compartilho do pensamento de que precisamos romper os silêncios por meio das pesquisas, das ações e dos processos de ensino-aprendizagem, mas também o quanto é profundamente desafiador estudar no mundo contemporâneo burguês. Exemplifico algumas questões que Lessa traz e que experimento no cotidiano: desligar o celular, desligar-se do trabalho e esquecer o mundo lá fora, cuidar da casa, da filha, fazer a gestão da maternagem e da paternagem de cuidados com a filha, juntamente com o ex-marido (e como isso dá trabalho!), e outros.

4. Epistemologias no meu/nosso mundo

Dito de outra forma, o mundo contemporâneo burguês nos desafia do ponto de vista individual, a crise estrutural do capital reflete na educação brasileira, assim como em todas as dimensões da vida social. Rafael, Ribeiro e Segundo (2016, p. 376) fazem referência à obra "*Para além do capital*" de Istvan Mészáros para mencionar a crise estrutural do capital que, na atualidade, se diferencia pelos seguintes aspectos: caráter universal alcance global, escala de tempo e modo rastejante.

Percebemos, no entanto, que a crise estrutural que assola o capitalismo mundial está atacando implacavelmente todas as instâncias da sociedade e impregnando o sistema educacional. Assim como em outras crises, está utilizando da educação como meio não somente de abastecer o capital com mão de obra barata e precarizada, mas principalmente como um instrumento de fertilização do discurso da empregabilidade tão difundido pelo toyotismo. (RAFAEL; RIBEIRO, SEGUNDO, 2016, p. 380)

Os autores mencionam que, na prática, o ensino vislumbra a aplicabilidade, o consumo e o retorno financeiro acima de tudo, principalmente na educação profissional. Que a dimensão da inserção do ser humano na sociedade, para além da profissão, é suplantada. Observo que essa aplicabilidade não é a que me refiro, de significado e de valor do conhecimento, mas aproxima do praticismo discutido por Lessa (2014), já mencionado aqui.

Ainda assim, os autores ressaltam o papel da educação na transformação social. Por intermédio dela é possível construir uma nova sociedade, porém, essa nova sociedade há de acontecer quando a mudança ocupar um nível estrutural, global e que se mudem principalmente as relações com o capital. A educação, mesmo nos moldes do capital, pode desenvolver suas aspirações emancipadoras por meio do intercâmbio de processos de educação mais amplos, como a própria vida e os setores que não estão ligados diretamente à educação. E é nesse aspecto que tomo fôlego para seguir o meu processo de "doutoramento/doitoramento".

Seguindo essa linha de pensamento e retomando a linguagem mais informal da minha escrita, expressa literalmente no parágrafo anterior, recorro agora à Boaventura de Sousa Santos (2001) para discutir os objetivos e as crises da Universidade. No texto, "Da ideia de Universidade à Universidade de Ideias", do livro "Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade", o autor historiciza os objetivos da universidade, ao longo dos anos, tais como, investigação, busca pela verdade, ensino e prestação de serviços. Mas que há contradições baseada em três crises: a crise da hegemonia, a crise da legitimidade e a crise institucional.

Ainda na seara do construto do conhecimento, destaco, na discussão do autor, qual o conhecimento que a universidade produz e transmite. A universidade que era vista como um lugar privilegiado da produção de alta

cultura e do conhecimento científico como o fenômeno do século XIX, do capitalismo liberal, mas cuja concepção entra em relativa dessintonia com as exigências sociais e em crise no pós-guerra e, sobretudo, a partir dos anos de 1960. Expressa-se nas dicotomias como alta cultura x cultura popular; educação x trabalho; teoria x prática. Existe um papel da universidade no acréscimo de produtividade industrial e o papel da universidade na valorização social e cultural da comunidade envolvente. (SANTOS, 2001).

Entretanto, a implicação mútua da crise de hegemonia e da crise da legitimidade implica, por sua vez, no tipo de conhecimento produzido (hegemonia), tendendo a alterar-se com a mudança do grupo social a que se destina (legitimidade). Assim, há uma falsa democratização da universidade já que ela também vivencia as crises do capital e a luta pela produtividade. Por exemplo, na avaliação de desempenho universitário, há uma dificuldade de definir o produto da universidade, dificuldade de critérios de avaliação e dificuldades de titularidade da avaliação. (SANTOS, 2001).

Compartilho o pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2001), na proposição de uma discussão transdisciplinar. Assim, ele principia: 1. As crises da universidade são afloramentos da crise do paradigma da modernidade. 2. A ideia da unidade do saber universitário foi sendo, progressivamente, substituída pela da hegemonia da racionalidade cognitivo-instrumental, ou seja, das ciências da natureza que representam o desenvolvimento do paradigma da ciência moderna. 3. Transição paradigmática da ciência moderna para a pós-moderna e a universidade só sobreviverá se assumir essa condição epistemológica. 4. Universidade e três princípios: prioridade da racionalidade moral-prática e da racionalidade estético-expressiva sobre a racionalidade cognitivo-instrumental; dupla ruptura epistemológica e a criação de um novo senso comum; aplicação edificante no seio de comunidades interpretativas. 5. Princípio 1 que pressupõe o desenvolvimento equilibrado das diferentes ciências. 6. Princípio 2 que trata da primeira ruptura, ciência normal, e, segunda, ciência revolucionária. 7. Princípio 3 transformar as atividades de extensão. 8. Proliferar universidades interpretativas com abertura do outro e democratização da universidade. 9. Mensagem de oração de novas tecnologias junto com novas gerações de práticas e imaginários sociais. Potencialidade e coligações. 10. Múltiplos saberes. 11. Universidade deve dispor-se estrategicamente para compensar seu inevitável declínio das suas funções materiais com fortalecimento das suas funções simbólicas (um re-encantamento da universidade).

Os princípios de Santos (2001) convergem com as considerações finais de Lessa (2014), de Rafael, Ribeiro e Segundo (2016), e com o que estou denominando de "*insensatez*", na construção do conhecimento. Apesar de um cenário desfavorável, a educação, a Universidade, a minha/nossa pesquisa/aplicabilidade pode propiciar condições para a transformação da realidade social, que precisa ser destacada cotidianamente.

5. Considerações finais

Retomo a obra de Gleiser que, ainda que haja uma “*sede insana*” na busca e construção do conhecimento, reconheço nas palavras do autor que “[...] o conhecimento gera novos desconhecimentos.” (2016, p. 29). Mas que, “[...] Reconhecer nossos limites e aprender com eles não é, de modo algum, o mesmo que desistir da busca.” (2016. P. 72). É assim que me encontro, com uma tempestade de ideias, questionamentos, tensionamentos que fazem parte da reconstrução do projeto de pesquisa.

O mesmo ocorre na pesca. Tentamos pegar o peixe grande, sem saber se teremos ou não sucesso. A cada lançamento, nossa esperança é renovada. É bem verdade que, na maioria das vezes, não pegamos nada. O peixe não vem, ou escapa, ou cometemos erros. Porém, com persistência, se aquela inquietude arde seu coração, mais cedo ou mais tarde colherá resultados. Não necessariamente fisingando aquele peixe tão cobiçado, mas o ato de pescar em si. É ao fazer que crescemos, é ao fazer que vivemos. Foi essa descoberta que mudou meu rumo: o sentido da vida é viver em busca de sentido. É no ato da busca, na experiência do novo e do inesperado, que damos sentido à nossa existência. (GLEISER, 2016, p. 98)

Nos termos de Tonet (2013), para a construção do conhecimento, pensar que cada objeto não é apenas uma síntese específica da universalidade, da particularidade e da singularidade, mas também resultado de um determinado processo histórico e social. Para buscar o desconhecido, considerar que o ser é histórico e social, a totalidade que é mais que a soma das partes, que a essência, a aparência e a interatividade humana são permeadas por contradições e mediações. Essas são determinações de caráter ontológico. Além disso, haverá outros elementos de natureza científico-concreta que também são cumulativos. Capturar a lógica que existe na realidade é não impor uma lógica como no método científico moderno.

Para isso, o instrumento indicado pelo autor, a partir de Marx, é a abstração que se concretiza na própria realidade (caráter ontológico). O processo de abstração implica, então, em introduzir no plano ideal o que acontece no plano da realidade; abstrair é separar e isolar determinada parte do conjunto em que ela está e, depois, reintroduzi-la. (TONET, 2013).

Na busca pela construção do conhecimento, é preciso apreender o objeto na sua integralidade e estabelecer a identidade do objeto. Para chegar à integralidade, é um processo de concreção em que o pensamento vai capturando um número cada vez maior de determinações do objeto e faz emergir um concreto pensado cada vez mais consistente. (TONET, 2013).

Tonet (2013) ressalta que Marx lançou uma concepção radicalmente nova de mundo com base na compreensão histórica-social. Também fundou uma concepção nova de produzir conhecimento científico ao articular filosofia e ciência, como mencionado no corpo deste manuscrito, até mesmo quando se fez

referência à essência e aos fundamentos de outras correntes teóricas-metodológicas. Essas concepções marxianas expressam a perspectiva da classe trabalhadora e está articulada com a superação do modo de produção capitalista e com a construção de uma nova sociabilidade para superar as formas de exploração, opressão e dominação do ser humano para todos se realizarem.

Permaneço na “busca insana” e utilizo ambas as terminologias: “meu processo de doutoramento/doitoramento”, porque, para mim, a essência desse processo, que, nos moldes da sociedade contemporânea e da crise estrutural do capital, por vezes, carece de significado e valor para a sociedade, está inspirada na razão ortodoxa, na ontologia do ser social, na rigorosa coerência dos pressupostos e na consistência dos fundamentos teóricos-metodológicos, podendo estar aberta para outros diálogos.

São, portanto, pressupostos para a minha construção/formação de uma consciência política e histórica da e para a diversidade, fortalecedor de identidades, singularidades, que já aparecem na minha escrita, na minha forma política e social de fazer e escrever pesquisa. Se encontrarei resistências? Certamente que sim, já que falo de produção de conhecimento numa lógica não hegemônica, mas que será somada aos atos das/os autoras/es das nossas pesquisas e de nós mesmos, que encontrarão, no futuro, o seu devido lugar, de potência e de significado humano e social, rumo a um projeto societário emancipador, sem os quais nossas pesquisas e o conhecimento será produzido em vão. É o que tenho dito... é o que me orienta... é o que me transborda!

REFERÊNCIAS

ANZALDUÁ, Glória. Como domar uma língua selvagem. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê**: Difusão da língua portuguesa, n. 39, p. 297-309, 2009.

BACKES, Jose Licínio. A articulação entre estudos culturais e psicologia social como perspectiva teórica para analisar as relações raciais: entrevista com rosa cabecinhas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.35, e192669, 2019.

BEREANO, Nancy K. Introdução. In: LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CISNE, Mirla. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. **Revista Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 132, p. 211-230, maio/ago, 2018.

GLEISER, Marcelo. **A simples beleza do inesperado**: um filósofo natural em busca de trutas e do sentido da vida. Rio de Janeiro: Record, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.



HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LESSA, Sérgio. **O revolucionário e o estudo**: Por que não estudamos? São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana para descolonizar olhares: perspectivas para o ensino das relações étnico-raciais. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**, Canoas, v.3, n.1, 2014.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares, BLEINROTH, Maria Laura Medeiros, SILVA, Yasmin Maciane da. Desobediências epistêmicas e pesquisas monstruosas em psicologia social. In. CRUZ, L. R.; HILLESHEIM, B.; EICHHERR, L. M. (Orgs.) **Interrogações às políticas públicas sobre travessias e tessituras do pesquisar**. ABRAPSO, 2021.

OLIVEIRA, Erika Cecília Soares. A docência como performance feminista. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 15(3), São João Del-Rei, julho-setembro de 2020.

RAFAEL, Ivania Maria de Souza Carvalho; RIBEIRO, Luis Távora Furtado; SEGUNDO, Maria das Dores Mendes. A crise do capital e a relação com a educação brasileira. Educação. **Revista do Centro de Educação**. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS: UFSM, v. 41, n. 2, p. 375- 386, maio-agosto, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Da ideia de Universidade à Universidade de Ideias. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: O social e o político na pós-modernidade. 8.ed. São Paulo/SP: Cortez, 2001.

TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Revista Psicologia Política**. v. 17, n. 39. São Paulo, maio/ago, 2017.

Recebido em: 08 de fev. de 2023.

Aceito em: 11 de set. de 2023.

Publicado em: 16 de novembro de 2023.

